

REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

***Kutcha otvietov v more voprosov:
construções binominais
quantificadoras da língua russa***

***Kutcha otvietov v more voprosov:
quantifying binominal constructions
in Russian***

Autor: Diego Leite de Oliveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, Brasil

Edição: RUS. Vol. 13. Nº 23

Publicação: Dezembro de 2022

Recebido em: 15/09/2022

Aceito em: 13/12/2022

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2022.202328>

OLIVEIRA, Diego Leite de.

*Kutcha otvietov v more voprosov:
construções binominais quantificadoras da língua russa.*

RUS, São Paulo, v. 13, n. 23, pp. 257-285, 2022.



*Kutch*a otvietov v more voprosov¹: construções binominais quantificadoras da língua russa

Diego Leite de Oliveira*

Resumo: Neste artigo investigam-se construções binominais quantificadoras do russo, preenchidas pelos lexemas *kutch*a (monte) e *more* (mar). Adota-se como fundamentação teórica a Gramática de Construções, que propõe uma abordagem em rede para a análise dos fenômenos linguísticos. Como procedimento metodológico, recorre-se à análise qualitativa de dados de uso da língua, dos séculos XVIII ao XXI, extraídos do *Russian National Corpus*. Os resultados da análise reforçam a hipótese de que a construção especificada com *kutch*a parece ser mais antiga do que a com *more* e estar mais rotinizada na rede de construções binominais quantificadoras da língua. Além disso, sugerem que, diferentemente de *kutch*a, que parece atuar como elemento não marcado da rede de construções binominais quantificadoras, *more* parece exibir um perfil semântico específico.

Abstract: This paper investigates quantifying binominal constructions in Russian, specified by lexemes *kutch*a (heap) and *more* (sea). It adopts Construction Grammar as a theoretical basis, which propose a network approach to the analysis of linguistic phenomena. As a methodological procedure, a qualitative analysis of real language use data, considering 18th to 21st centuries, extracted from *Russian National Corpus*. Results of this analysis confirm the hypothesis that the construction specified with *kutch*a seems to be older than that with *more*, and it seems to be more routinized in the network of quantifying binominal constructions of Russian. In addition, the results suggest that, differently from *kutch*a, which seems to be the unmarked element on the binominal quantifying constructions network, *more* seems to have a specific semantic profile.

Palavras-chave: Construções binominais quantificadoras; Língua russa; Modelos baseados no uso
Keywords: Quantifying binominal constructions; Russian language; Usage-based models of language

1. À guisa de introdução

U

m tipo aparentemente universal de construções existentes nas línguas refere-se à combinação de ao menos dois sintagmas nominais (SN)² para expressar significados distintos, tais como posse, origem, relações parte-todo etc.– estrutura que vem recebendo habitualmente o rótulo de construção binominal (ALONSO, 2010). Ao menos em línguas indo-europeias,³ esse tipo de construção tende a exibir o primeiro nome como núcleo da expressão, caracterizado ou especificado pelo valor expresso pelo segundo nome, caso em que se observa a função relacional. O russo exhibe um conjunto amplo de significados atrelados a essa construção, alguns dos quais apresentados abaixo.⁴

(1) Ona opisala iemu samimi tchiornymi kraskami varvarstvo muja i skazala nakonets, tchto vsiu svoiu nadiejdu polagaet na ego drujbu i ljubieznost .⁵ (PÚCHKIN, A. S. Pikovaia

1 Um monte de respostas em um mar de perguntas.

2 Em algumas línguas, como o português, esses sintagmas nominais podem ser combinados por meio de uma construção de sintagma preposicionado e exigir, portanto, a apresentação de uma preposição. Observem-se, por exemplo, sequências como casa do meu pai, aula de língua russa etc.

3 É possível encontrar construções específicas que invertem a posição dos elementos na construção, como a expressão genitiva em inglês (*My father's car*).

4 Neste artigo, os exemplos serão dados em transcrição para caracteres latinos no corpo do texto. Os exemplos em cirílico serão apresentados em nota de rodapé.

5 *Ona opisala emu samymi chérnymi kraskami varvarstvo muja i skazala nakonets, chto vsiu svoiu nadiejdu polagaet na ego drujbu i ljubieznost .*

* Universidade Federal do Rio de Janeiro. Departamento de Letras Orientais e Esclavas. Programa de Pós-Graduação em Linguística. <http://lattes.cnpq.br/2272404251695784>; <https://orcid.org/0000-0003-0601-4131>; diegooliveira@letras.ufrj.br

dama) Tradução: Ela descreveu-lhe a barbárie do marido com os tons mais obscuros e, por fim, disse-lhe que coloca toda esperança em sua amizade e consideração.

(2) *Tri dievuchki okrujali eio. Odna derjala banku rumian, drugaia korobku so chpil kami, triet ia visoki tchepiets s lientami ognennogo tsvieta*.⁶ (PÚCHKIN, A. S. Pikovaia dama). Tradução: Três moças a rodeavam. Uma segurava um pote de ruge, outra, uma caixa de grampos, a terceira, um gorro alto com fitas cor de fogo.

Em (1) e (2) as instâncias de construções binominais aparecem em negrito. O primeiro exemplo, *varvarstvo muja* (a barbárie do marido), veicula um significado de posse, num sentido amplo⁷ (a barbárie praticada pelo marido). Em (2), observam-se duas instâncias, a saber, *banku rumjan* (um pote de ruge), em que o foco consiste na tipificação do pote a partir da indicação de seu conteúdo, e *s lientami ognennogo tsvieta* (com fitas (de) cor de fogo), em que se especifica uma característica da fita que permite identificá-la, no caso, a cor. Nos três exemplos, observa-se que o núcleo da expressão é o primeiro nome, pois se fala sobre a barbárie, sobre o pote, sobre a fita, sendo o segundo nome utilizado como um adjunto que modifica o primeiro nome. De um ponto de vista esquemático, as sequências em pauta se configuram como [SN1(núcleo)X SN-2gen]. Em outras palavras, tais sequências exibem um padrão em que se observa um primeiro sintagma nominal – que pode ser declinado em casos distintos a depender do contexto em que ocorre na sentença (daí, a especificação X) – funcionando como núcleo da expressão, acompanhado de um segundo sintagma nominal, que é sempre declinado no caso genitivo⁸ (daí a especificação gen) e funciona como modificador do núcleo.

6 *Три девушки окружали её. Одна держала банку румян, другая коробку со шпильками, третья высокий чепец с лентами огненного цвета.*

7 Para compreensão do sentido de posse nos termos da Linguística Cognitiva, conferir Lambrecht (1991).

8 Excluem-se desse grupo expressões que se valem do uso de preposições ao SN2 (*девушка с соседнего двора*) ou que não se valem do caso genitivo para declinar o SN2 (*занятие спортом*).

Dentre os valores expressos por construções binominais, um deles chama atenção por não se configurar exatamente da forma descrita acima: o valor quantitativo. A diferença é que, apesar da similaridade na estrutura de superfície entre a construção com valor relacional e a com valor quantitativo, nesta última parece haver uma distinção em termos de interpretação do núcleo, em que não se tem exatamente o padrão [SN1(núcleo)X SN2gen], mas, sim, o padrão [SN1X SN2(núcleo) gen], ou seja, é o segundo sintagma nominal que assume a função principal na expressão. Os exemplos abaixo, de situações concretas de uso atual, ilustram esse padrão:

(3) [10.] *Pri etom iasno, tchto kutchka tchinovnikov poteriaiut rabotu...*⁹ [2001] (Com isso fica claro que um monte de funcionários perderá o emprego...)

(4) [Nº9, muj, 24,1979, bezrabortni] *Seitchas eto budet prosto bol chaja tusovka s morem piva i vsio.*¹⁰ [2003] ([Nº 9, masc, 24, 1979, desempregado] Agora será apenas uma grande farra com um mar de cerveja e nada mais.)

Em (3) e (4), não se está falando de fato sobre um ‘monte’ (*kutchka*) ou sobre um ‘mar’ (*more*) – elementos que ocupam a posição do SN1 da expressão –, mas, sim, sobre ‘funcionários’ (*tchinovniki*) que perderão emprego, ou sobre a ‘cerveja’ (*pivo*) que será consumida em uma farra (*tusovka*) –, lexemas que ocupam a posição de SN2. Além disso, atente-se para a nuance de grande quantidade atrelada aos contextos (não são apenas funcionários, de um modo genérico, mas muitos funcionários; não é apenas cerveja, mas muita cerveja). Em (3), do ponto de vista formal, verifica-se também que o verbo está marcado na terceira pessoa do plural (*poteriaiut*), com concordância no nível semântico com *tchinovnikov* (de funcionários) e não com *kutchka* (monte). Em ambos os casos, o núcleo da expressão deixa de ser o SN1 e passa a ser o SN2, configuração formal que, associada à semântica de quantificação, faz emergir uma construção nova, que constitui o objeto do presente estudo e passará a ser chamada de **construção binominal quantificadora**.

⁹ При этом ясно, что куча чиновников потеряют работу...

¹⁰ [Nº9, муж, 24,1979, безработный] Сейчас это будет просто большая тусовка с морем пива и всё.

Em russo, observa-se comportamento específico dessa construção, que, segundo Rakhilina (2009), costuma atrair para a posição de SN1 aproximadamente três dezenas de elementos lexicais, capazes de veicular semântica quantificadora. Evidentemente, nem todos esses elementos têm a mesma força expressiva para sugerir a interpretação de grande ou pequena quantidade, o que suscita discussões por parte dos pesquisadores acerca de questões diversas como, por exemplo, o status de gramaticalização de cada elemento como um quantificador da língua e o tipo de quantificação expressa na posição SN1.

Nessa construção, percebe-se, ainda, algum grau de complexidade, pois a estrutura de superfície se confunde ora com a construção relacional, que mantém o núcleo no primeiro nome, ora exhibe características próprias como construção quantificadora. Nesse sentido, a primeira parte do título deste artigo é bastante elucidativa, pois é possível resgatar uma imagem que relembra a construção relacional (um monte em um mar), porém em combinação com palavras que não necessariamente qualificam monte e mar, mas são quantificadas por elas. Se as palavras utilizadas fossem outras na combinação com *kutch*a e *more* – por exemplo, em lugar de *otvietov* e *voprosov*, houvesse *sol*i e *krasnogo tsvieta*, *kutch*a *sol*i e *more krasnogo tsvieta* (um monte de sal em um mar de cor vermelha) – teria-se um exemplo prototípico de uma construção relacional.

Este artigo se dedica a apresentar um breve panorama analítico das chamadas construções binominais quantificadoras da língua russa, que se valem dos lexemas *kutch*a (*monte*) e *more* (*mar*) para ocupar a posição de SN1 – elementos que, apesar de terem função referencial na língua, também podem assumir função gramatical como quantificadores na construção binominal. Neste trabalho, toma-se a hipótese de que a construção especificada com *kutch*a parece encontrar-se em um patamar mais desenvolvido de rotinização na língua russa, combinando-se com um número maior e mais diversificado de lexemas e suscitando mais regularmente a interpretação de grande quantidade. No entanto, sugere-se que há significados veiculados à expressão da quantificação que, ainda que possam ser expressos pela construção que instancia *kut-*

cha como quantificador, são mais adequados em combinação com outras construções como, por exemplo, a expressão com a palavra *more*, como em *more vpetchatlienii* (um mar de impressões) ou *more udovol'stviia* (um mar de satisfação). Para tentar confirmar essas hipóteses, o artigo propõe um estudo empírico, de caráter diacrônico, que compreende o período do século XVIII ao XXI. São analisadas instâncias reais de uso da língua, a partir de dados extraídos do Corpus Nacional da Língua Russa.¹¹

Este artigo está organizado da seguinte forma: além desta introdução, apresenta-se um esboço da fundamentação teórica subjacente ao estudo, acompanhada de uma breve revisão da literatura sobre o surgimento de construções binominais quantificadoras; em seguida, são apresentados alguns apontamentos metodológicos, após o que segue uma seção de análise de dados. Por fim, algumas considerações gerais sobre o tema são apresentadas.

2. Uma abordagem baseada no uso para construções binominais quantificadoras

Abordagens linguísticas construcionistas baseadas no uso rompem com asserções tradicionais estabelecidas na linguística de base estruturalista e formalista, em três eixos fundamentais, descritos abaixo:¹²

a) **Dicotomia gramática vs uso:** não se observa distinção categórica entre esses dois domínios, pois a experiência com o uso da língua fundamenta a representação mental do sistema linguístico;

b) **Dicotomia sincronia vs diacronia:** a língua é tida como um sistema adaptativo complexo sujeito a mudança no decorrer do tempo, de modo que eventos diacrônicos fundamentam e contribuem para explicar fenômenos sincrônicos;

¹¹ Conferir <http://www.ruscorpora.ru>

¹² Para um estudo pormenorizado, conferir Goldberg (1995; 2006), assim como Diessel (2015; 2019).

c) **Distinção sintaxe vs léxico:** em uma perspectiva baseada no uso, o conhecimento linguístico fundamenta-se no domínio de construções, que se organizam na forma de uma rede e se combinam para produzir todas as sentenças tidas como aceitáveis em dada língua e, portanto, sintaxe e léxico não consistem em domínios de natureza distintas e estanques.

Dos três eixos mencionados, o terceiro merece maior escrutínio. Os modelos construcionistas baseados no uso, assumem que a gramática é uma rede de construções ligadas umas as outras por uma série de relações associativas. Assim, as construções constituem os nós e as relações associativas, os elos nessa rede. Esses elos podem ser diversos, cabendo aqui uma breve apresentação de três deles: simbólicos, taxonômicos e de preenchimento de posição.

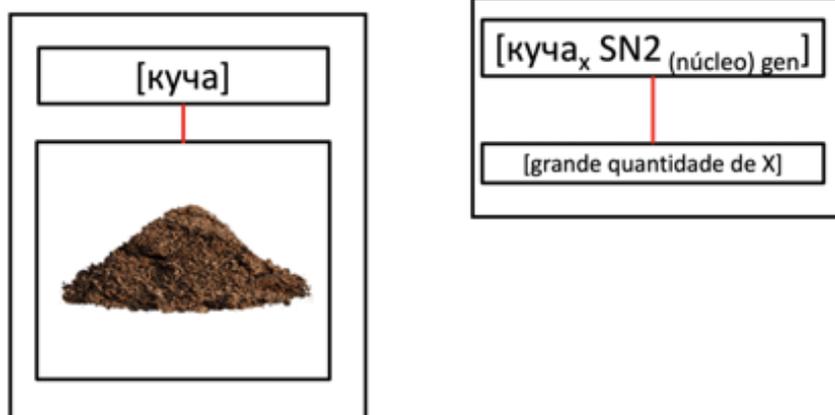
Os elos simbólicos ocorrem dentro da construção, associando forma e significado. Desse modo, o elemento lexical *kutch* (monte), em si, constitui uma construção, assim como também constitui uma construção a expressão [*kutchax* SN2(núcleo)gen], como é possível observar na figura 1.¹³ O traço em vermelho representa a relação simbólica entre forma e significado. A primeira imagem à esquerda designa uma associação entre uma cadeia fônica e uma representação mental, ou conceito, no nível do léxico. Na segunda imagem, representada à direita na figura, observa-se uma associação mais complexa entre forma, envolvendo não somente uma cadeia fônica, mas também especificações sintáticas, associadas ao conceito de

quantificação, no caso, grande quantidade (fig. 1).

A rede pode exibir elos taxonômicos, que envolvem construções com níveis distintos de especificação e abstração, formando uma hierarquia que envolve elementos mais específicos em uma posição in-

Figura 1. Representação dos elos simbólicos de uma construção

Fonte: elaboração própria

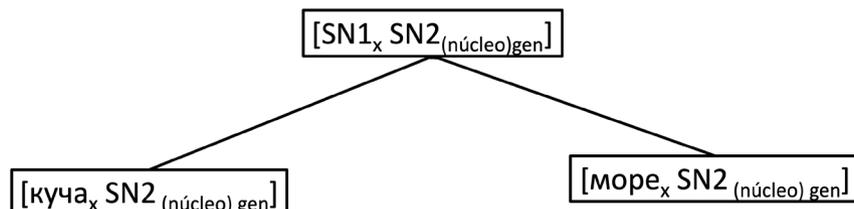


¹³ Nas figuras utilizadas neste trabalho, os lexemas são indicados em cirílico.

ferior e elementos mais abstratos em uma posição superior. Se forem tomadas como exemplo as construções em pauta neste artigo, é possível propor que sua esquematização se dê, no plano taxonômico, da seguinte forma:

Figura 2. Representação dos elos taxonômicos na rede de construções binominais quantificadoras do russo

Fonte: elaboração própria



Na figura 2, no nível superior tem-se o nó construcional na rede com o maior grau de abstração, em que nenhuma posição é especificada fonologicamente. No nível mais abaixo, pode-se observar ao menos dois nós construcionais com maior especificação fonológica, em que a posição SN1 é lexicalmente preenchida, como mostrado na figura pelos elementos *kutcha* (куча) e *more* (more), respectivamente. Como Rakhilina (2009) defende que a língua russa apresenta ao menos três dezenas de palavras que poderiam funcionar como quantificadores, há razões para acreditar que na representação acima seja possível indicar mais nós, ainda que sejam necessários estudos empíricos para sua confirmação.

Por fim, outro tipo de elo importante na representação das construções em uma rede associativa é o de preenchimento de posição.¹⁴ Esse elo especifica a relação de atração que outras construções da língua têm com alguma posição específica da construção investigada. O elo permite postular uma relação forte de preenchimento de posição entre construções (ou lexemas) e posições específicas em uma construção, como ilustra a figura 3, com exemplos das construções estudadas neste artigo. Linhas mais grossas indicam relação mais forte entre as construções.

14 Uma tradução possível para *filler-slot relation*, elo proposto por Diessel (2015, 2019).

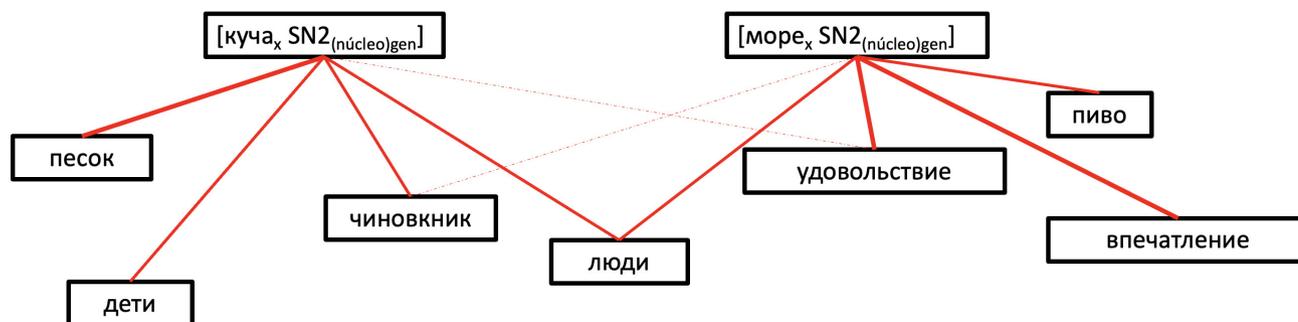


Figura 3. Relações de preenchimento de posição entre lexemas e as construções binominais quantificadoras preenchidas com *груда* e *more*

Fonte: Elaboração própria

Na figura 3, observa-se, com base em dados empíricos a serem apresentados mais adiante, que a construção [*kutchax* SN2(núcleo)gen] e a construção [*moreX* SN2(núcleo)gen] parecem exibir preferências distintas em relação a elementos que podem ocorrer na posição de SN2.

A rede de construções da língua – na qual se incluem também as construções em pauta neste artigo – se configura com base em alguns princípios psicológicos de natureza funcional¹⁵, a saber:

1. **Princípio da motivação maximizada:** construções que compartilham propriedades de forma devem compartilhar alguma propriedade semântica;
2. **Princípio da não sinonímia:** construções que apresentam formas distintas devem apresentar alguma diferença semântica ou pragmática;
3. **Princípio do poder expressivo maximizado:** o inventário de construções da língua é maximizado para atender fins comunicativos;
4. **Princípio da economia maximizada:** considerado o princípio iii, o inventário de construções distintas é minimizado, sempre que possível.

No que diz respeito ao princípio da motivação maximizada, como as construções aqui investigadas apresentam similaridade de forma, exibindo uma cadeia binominal em que o SN2 funciona como núcleo, postula-se que elas também guardam propriedade semântica em comum, qual seja, a de quantificação (no caso, especificação de grande quantidade). Portanto,

¹⁵ Tais princípios podem ser conferidos com mais detalhes em Haiman (1985) e Goldberg (1995).

tais construções devem ser representadas de forma contígua na rede de construções na língua, o que justifica a organização apresentada na figura 2, acima.

Considerando o princípio da não sinonímia, é possível postular que, a despeito de compartilharem aspectos formais e semânticos, as construções estudadas exibem, como elementos fixos na posição de SN1, lexemas distintos, o que faz com que cada construção possua diferenças formais específicas, acarretando também distinções semânticas. Em outras palavras, como cada construção lexicalmente específica exhibe uma distinção formal, é possível postular que elas também apresentarão nuances semânticas distintas.

Com relação ao poder expressivo maximizado, a emergência de várias construções binominais para expressar quantidade na língua pode ser explicada por conta das finalidades comunicativas dos falantes. Quando uma construção nova passa a ser utilizada, ela apresenta forte saliência semântica e poder expressivo e, com o passar do tempo, à medida que sua frequência de ocorrência aumenta, ela pode perder essa saliência, o que motiva o surgimento de novas construções para expressar aquele significado. Essas construções podem conviver harmoniosamente na língua, sendo responsáveis por cobrir campos semânticos distintos na rede de construções, ou podem estar em competição em um processo de acomodação semântica que pode fazer com que uma construção caia em desuso ou que uma nova construção emerja.

Por fim, quanto ao princípio da economia maximizada, atendidas as necessidades comunicativas dos usuários, o inventário de construções da língua fornece apenas o conjunto de construções necessário para viabilizar a comunicação, o que justifica o fato de algumas construções que não atendem mais tais necessidades caírem em desuso.

Considerando o conjunto de relações na rede proposto acima, bem como o inventário de princípios funcionais que operam sobre a configuração da rede, acredita-se ser possível traçar um breve panorama do desenvolvimento da rede de construções quantificadoras na gramática da língua russa en-

tre os séculos XVIII e XXI, principalmente no que diz respeito às construções instanciadas por *kutchá* e *more*, o que será feito mais abaixo, na seção de análise.

3. A origem de construções quantificadoras a partir de construções relacionais

Trabalhos desenvolvidos em algumas línguas apresentam evidências de que a construção binominal quantificadora tem suas origens a partir de uma inferência sugerida de quantidade, em contextos de uso específicos da construção do tipo relacional (TRAUGOTT, 2008; VERVECKEN, 2015; FUMAUX, 2018). Assim, surge a hipótese de que, em dados contextos com possível leitura de quantidade, uma construção do tipo relacional [SN1(núcleo)X SN2gen] pode passar a permitir gradativamente que lexemas específicos sejam reanalisados formalmente como quantificadores na língua, resultando na reinterpretação da sequência mencionada como sendo uma sequência [SN1X SN2(núcleo)gen]. Essa modificação do ponto de vista semântico (emergência do valor quantitativo) associada à modificação no plano sintático (reinterpretação do núcleo da expressão) permite o surgimento de uma nova construção na língua – a construção binominal quantificadora.

Em russo, especificamente, Rakhilina (2009), pela perspectiva da gramaticalização, sugere os seguintes passos para a reanálise de lexemas como quantificadores: (i) formação de uma metáfora ocasional; (ii) fixação em um contexto específico; (iii) inclusão gradual de léxico abstrato; (iv) ampliação do emprego da construção, excluindo-se as restrições inerentes; (v) apagamento ou desbotamento semântico; (vi) total gramaticalização, transformação do nome em um quantificador por excelência.

No que se refere à formação de uma metáfora ocasional, a autora busca compreender, com base na literatura sobre metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), quais são as me-

táforas subjacentes ao conjunto de elementos quantificadores em processo de gramaticalização da língua russa. Partindo do pressuposto de que a conceptualização das expressões linguísticas pode se dar no plano imagético, a autora argumenta que, no caso dos lexemas aqui investigados, as metáforas a que se recorre para veicular a semântica de grande quantidade é “MAIS É PARA CIMA”, como em *kutcha*, e “MAIS É PARA OS LADOS”, com em *more*.

Apesar de não adotar uma concepção estritamente construcionista para o fenômeno, a autora parece reconhecer que o contexto de fixação dessas metáforas é a sequência binominal que, paulatinamente, vai perdendo a coerência semântica dos elementos que se combinam com o lexema quantificador, incorporando itens lexicais que se distanciam de sua semântica original e permitindo o uso de léxico abstrato, o que evidentemente está correlacionado com a ampliação de contextos possíveis de uso da expressão. Com o passar do tempo, a semântica original do item que funciona como quantificador pode não ser mais recuperada, de modo que permaneça apenas a interpretação quantificadora do item, que deixa de ter natureza lexical para ser interpretado como um elemento gramatical, o que a autora denomina “total gramaticalização do elemento quantificador”.

No que diz respeito aos elementos estudados, a gramaticalização plena como quantificador ainda não foi observada. Porém, segundo Rakhilina, é possível postular uma escala dos elementos lexicais em processo de gramaticalização. Nesse sentido, a autora propõe um quadro em que se apresenta *kutcha* como o elemento mais avançado do grupo de quantificadores, ao passo que *kopna* (tufo) é apresentado como o elemento menos gramaticalizado. Como critério para postular essa escala, Rakhilina apresenta as possibilidades de combinação desses lexemas. Para a pesquisadora, *kutcha* praticamente não apresenta restrições de combinação, ao passo que *kopna* parece combinar-se com um conjunto muito reduzido de lexemas, incluindo-se aqui apenas o lexema *volos* (*kopna volos*). Com relação a essa escala, nada é dito sobre *more*.

A análise de Rakhilina funciona como um bom ponto de partida para estudos sobre construções binominais quantificadoras, pois oferece alguns direcionamentos quanto ao estágio de gramaticalização de quantificadores na língua. Associada a uma concepção construcionista baseada no uso, que concebe os quantificadores não como elementos isolados, mas como participantes de uma construção maior, é possível obter frutos interessantes para a compreensão do processo de quantificação nas línguas.

O presente trabalho parte da hipótese sugerida por Rakhilina, a saber, a de que *kutch*a parece ser o elemento mais avançado no *continuum* de gramaticalização de lexemas como quantificadores na língua. Porém, ao adotar uma perspectiva construcionista baseada no uso, considera que o lexema *kutch*a atua como quantificador, enquanto integra a construção [*kutch*a x SN2(núcleo)gen] e, nesse sentido, é a construção que se torna mais rotinizada na língua como uma construção de quantificação, permitindo a emergência de outras construções na rede, inclusive de um padrão mais abstrato do tipo [SN1x SN2(núcleo)gen]. Com vistas a explorar essa hipótese empiricamente, o presente trabalho propõe o estudo das construções quantificadoras fonologicamente especificadas com os lexemas *kutch*a e *more* e, na próxima seção, faz alguns apontamentos sobre os procedimentos metodológicos adotados para este fim.

4. Aspectos metodológicos

A pesquisa realizada toma como base uma análise de cunho qualitativo de dados reais de uso da língua, extraídos de um banco de dados específico. Assim, recorreu-se ao Corpus Nacional da Língua Russa, base de dados que congrega diversos tipos de *corpora*, organizados por um amplo conjunto de pesquisadores de diversas universidades russas e que pode ser conferido no website <http://ruscorpora.ru>. A figura 4 abaixo ilustra a homepage da base de dados.

Национальный корпус русского языка —
представительная коллекция текстов **на русском языке**
общим объемом **около 1,5 млрд слов**, оснащенная
лингвистической **разметкой** и инструментами поиска

ИРЯ  ИИПИ РАН Яндексу

[Подробнее о Корпусе](#)

Введите слово или фразу

Основной (375 млн)	Параллельный (151 млн)	Поэтический (13 млн)	Мультимедийный (5 млн)
Газетный (790 млн)	Обучающий (664 тыс)	Устный (13 млн)	Мультипарк (229 тыс)
Синтаксический (1 млн)	Диалектный (485 тыс)	Акцентологический (133 млн)	Исторический (13 млн)

Figura 4 Página principal do Corpus Nacional da Língua Russa

FONTE: Национальный корпус русского языка (<http://www.ruscorpora.ru>)

Na análise empreendida, foi utilizada a seção *Osnovnoi korpus* (*Основной корпус*), que, como um todo, conta com aproximadamente 375 milhões de palavras. Para o presente trabalho, foi necessário reduzir a busca de dados a um conjunto de 12.267.869 (doze milhões, duzentos e sessenta e sete mil oitocentos e sessenta e nove) milhões de palavras, de modo a equilibrar o volume de palavras disponível para cada século estudado, já que a distribuição de palavras por século não é homogênea no corpus. Os séculos XX e XXI contam com um conjunto de palavras muito maior do que os séculos XVIII e XIX. Como este trabalho se propôs a investigar dados dos séculos XVIII a XXI, restringiu-se a busca a um conjunto de aproximadamente três milhões de palavras por século. Para realizar tal redução, foi necessário recorrer à função *zadat' podkorpus* (*здать подкорпус*), seguindo as instruções do site, e criar *subcorpora* específicos por século, fazendo uma escolha pormenorizada que permitisse a redução do banco de dados a um conjunto pesquisável. Uma forma de reduzir o volume de dados analisados é realizar a busca separadamente por século e escolher textos específicos. Assim, foram utilizados textos não literários e escolhidos os seguintes grupos, confor-

me taxonomia do corpus: *memuari* (мемуары), *pis'mo delovoe* (письмо деловое), *pis'mo publitsisticheskoe* (письмо публицистическое) *pis'mo litchnoe* (письмо личное), *zapiska slujebnaia* (записка служебная) e *zapiska litchnaia* (записка личная).

A justificativa para o limite de séculos investigados neste trabalho se conforma a restrições técnicas. O Corpus Nacional da Língua Russa não disponibiliza dados relevantes anteriores ao século XVIII, o que dificulta a busca por contextos que permitam a identificação da origem da construção binominal quantificadora em russo. Além disso, a investigação escrutinada de dados anteriores ao século XVIII requer conhecimento específico, indisponível atualmente para quem está desenvolvendo esta pesquisa. Dessa forma, para um trabalho futuro mais específico, o apoio de especialistas em língua russa antiga será requerido. Por ora, como já dito, o trabalho pretende apenas apresentar o desenvolvimento das construções em pauta no decorrer dos séculos que o Corpus Nacional da Língua Russa permite fazer de modo empiricamente controlado, no sentido de minimizar possíveis vieses de análise.

A justificativa para a escolha das construções lexicalmente especificadas com *kutch*a e *more* se apoia em dois pontos: de um lado *kutch*a (monte, montinho) aponta para referente que em si já pressupõe a noção de agrupamento de elementos sólidos (*kutch*a *peska*, monte de areia, *kutch*a *navoza*, monte de esterco) e, de outro, *more* (mar) refere-se a um elemento da natureza que, dada sua grandiosidade, pode ser utilizado em metáforas eventuais de grande quantidade, principalmente em se tratando de elementos líquidos, com base na proposta de Lakoff e Johnson (1980), a que Rakhilina (2009) recorre para o russo (*more krovi*/um mar de sangue, *more slioz*/um mar de lágrimas, ou seja, quantidade considerável de sangue ou lágrimas, comparável hiperbolicamente a um mar).

Organizada a amostra e selecionados os lexemas que ocupam a posição fonologicamente especificada das construções, efetuou-se a busca pelas sequências *kutch*a + genitivo e *more* + genitivo. Após a busca por cada combinação elencada, ob-

servou-se que um amplo conjunto de exemplos não era de fato representativo da construção [N1x N2(núcleo)gen], já que a sequência *nome + gen* é genérica o suficiente para retornar instâncias de outras construções da língua como a relacional já mencionada, como em *malen'kie kutchi navoza* (pequenos montes de esterco) e *more ognia* (mar de fogo). Dessa forma, foi necessário efetuar uma filtragem manual dos dados. Por exemplo, foram extraídos dados como *Vsio mel tche i mel tche more jizni* (O mar da vida está cada vez mais raso), em que se observa nitidamente uma sequência *more + genitivo*, porém configurando uma construção relacional “mar da vida”, em vez de uma construção quantitativa (mar de vida significando muita vida). Também foram excluídas expressões como *Po slukham, tchislo unesionnikh v more rybakov -- ot 25-ti do 30-ti tchelovek*. (Segundo boatos, o número de pescadores levados para o mar é de 25 a 30 homens), na qual a sequência *more + genitivo* consiste em um deslocamento de ordem (*tchislo rybakov unesionnikh v more*), típico de orações reduzidas de participio em russo.

Organizado o *corpus* a ser utilizado para a análise, os dados foram analisados século a século, observando-se contextos de ocorrência da construção binominal quantificadora, assim como tipos de lexemas a ocuparem a posição de SN2 em cada construção. Nesse sentido, buscou-se observar se os lexemas que se combinavam com cada construção eram animados ou inanimados, contáveis ou incontáveis, concretos ou abstratos. Além disso, procurou-se observar se as construções demonstravam preferências colocacionais por lexemas específicos, ou seja, se havia combinações recorrentes entre SN1 e SN2. Junto à análise qualitativa, recorreu-se a uma breve análise etimológica dos termos *kutcha* e *more*, a qual será sempre apresentada no começo de cada subseção de resultados específica.

5. Análise dos resultados

5.1. [kutchax SN2(núcleo)gen]

A análise da construção [kutchax SN2(núcleo)gen] se deu inicialmente a partir da busca pela etimologia do lexema *kutcha*. De acordo com o dicionário etimológico de Vasmer (1986, T. II), *kutcha*, em russo, mantém relação com seus equivalentes em outras línguas eslavas (*kutcha*, em ucraniano e bielorusso, *kutche*, em tcheco, *kuczki*, em polonês) e, também, com o lituano *kaukas*, *kaukarà*, *kukulys*, termos utilizados para designar protuberâncias em formato de cone (um inchaço, uma pinha, um morro, uma meda). Com base em Sobolevski (1914, apud VASMER, 1986, p. 437), Vasmer também aponta a hipótese de que *kutcha* advenha do eslavo antigo *кжшта*, cuja referência original aponta para um canto na inclinação de uma colina ou montanha, coberto de folhagem e galhos”. Durante a etapa de filtragem dos dados, foram observadas instâncias de uso do elemento *kutcha* com acepções já aparentemente distintas do significado apontado por Sobolevski e mais assemelhadas às acepções indicadas por Vasmer. No século XVIII são comuns expressões como as em (5), (6) e (7) abaixo:

(5) *Piervaia kutchia mnie: drugaia – tiotke, a triet ia tebie...*¹⁶
[1740] (O primeiro montinho para mim, outro para a titia, e o terceiro para você..)

(6) *Na kurieniakh veliet tak tchisto rubit , tchtob vsie sutch ia i staroi valejnik v sajeni sklideni bili, ili po poslednei miere negodnoe izrubit i sklast v kutchi, a rubit lesa na drova s koreni konetchno v marte, apriele, okitiabre i noiabre, a letom ne rubit i pen ia vyche poluarchina ne pokidat .*¹⁷ [1723] (Nos casebres ordenar roçar de forma limpa, de modo que todos os galhos e ramos quebrados pelo vento

¹⁶ *Первая куча мне: другая – тетке, а третья тебе...*

¹⁷ *На куренях велеть так чисто рубить, чтоб все сучья и с тарой валежник в сажени склыдены были, или по последней мере негодное изрубить и скласть в кучи, а рубить леса на дрова с корени конечно в марте, апреле, октябре и ноябре, а летом не рубить и пенья выше полуаршина не покидать.*

fossem armazenados em sazhens, ou como última medida o que não prestar picar e reunir em montes, e cortar a madeira em toras pela raiz evidentemente em março, abril, outubro e novembro, e no verão não cortar e não abandonar tocos mais altos do que meio archim.)

(7) *Zlodeiskoi je tolpy tchelovek s 1000 pochli k Khlynovu po Alatskoi doroge, a prottchiia, razdelias na mielkiia kutchi tchieloviek po 20 i po 50, v domy svoi vozvrashaiutsja.*¹⁸[1774] (A multidão ignóbil de uns 1000 foi na direção de Khlinov pela estrada de Alat, e os demais, dividindo-se em pequenos grupos de 20 e 50 pessoas, voltaram para suas casas)

Em (5), já se observa o uso de *kutcha* designando uma espécie de porção (o primeiro pedaço/porção para mim...). Em (6), tem-se o uso de *kutcha* com a noção de aglomeração (reunir em montes) e (7) traz uma noção de agrupamento, sem necessariamente designar grande quantidade, daí vir, inclusive, acompanhada de um adjetivo qualificativo (*melkija kutchi* – pequenos montes/grupos). Todos esses dados são importantes para entender a emergência de uma interpretação quantitativa que vai se tornando cada vez mais convencionalizada em contextos com *kutcha*. Porém, foram excluídos da análise da construção quantitativa.

Removidas instâncias como essas, assim como instâncias da construção relacional, ou seja, aquela que tem *kutcha* como o núcleo da expressão modificado por um SN genitivo, os dados do *corpus* indicam que a construção quantificadora com *kutcha* já está convencionalizada e é relativamente frequente na segunda metade do século XVIII. Já é possível encontrar, neste período, combinações variadas envolvendo *kutcha* e a posição de SN2, incluindo elementos que indicam entidades concretas inanimadas, como em (8), e entidades concretas animadas, como em (9):

(8) *Syn prieezjaet v Indiiju, i, pomnia roditel skoi sovet, staraetsia vsiemi sposobami razbogatet, to iest, i voruet i grabit. Tcherez neskol ko liet vozvrashaetsja on v Angli-*

¹⁸ Злодейской же толпы человек с 1000 пошли к Хлынову по Алатской дороге, а протчия, разделяясь на мелкия кучи человек по 20 и по 50, в дома свои возвращаются.

*ju s kutcheiu zolota; pokupaet sebie zemli i zamki, jiviet pychno, i khodataistvuet v Parlamente za tekh, kotorie, podobno emu, najivaiutsia beztchestnymi sredstvami.*¹⁹. [1791] (O filho chega à Índia e, lembrando-se do conselho dos pais, tenta a todo custo enriquecer, ou seja, rouba e rouba. Depois de alguns anos ele retorna à Inglaterra com um monte de ouro; compra para si terras e castelos, vive com luxo e representa no Parlamento aqueles que, como ele, vive de recursos desonestos.

(9) *Vvietchieru Gubski moi igrал pod oknom na gusliakh i privliok tem kutchu mujikov pod okochko.*²⁰. [1789] (À noite, meu Gubski tocava harpa sob a janela e, com isso, atraiu um monte de mujiques para perto da janela.)

Nos exemplos (8) e (9), o núcleo da expressão não é a posição de SN1, ou seja, aquela preenchida pelo lexema *kutchа*, mas, sim, a posição do SN2, preenchida, a saber, por *zoloto* (ouro) e *mujikov* (mujiques), respectivamente. Em (9), o filho não retorna à Inglaterra com um monte concreto, composto por ouro, mas, sim, com uma quantidade significativa de riquezas que lhe permite a compra de terras e castelos. Em (10) Gubski atrai para perto da janela uma quantidade considerável mujiques e não um monte composto por mujiques.

Do século XVIII ao século XXI observa-se o aumento no número de instâncias da construção [*kutchax* SN2(núcleo)gen] encontradas no corpus, o que costumeiramente é chamado de frequência de ocorrência. O conjunto de lexemas que podem coocorrer com *kutchа* também aumenta no decorrer do tempo, indicando uma ampliação do alcance semântico dos tipos de referentes que podem ser quantificados pela construção, o que costumeiramente é chamado de frequência de tipo. Os

¹⁹ *Сын приѣзжает въ Индію, и, помня родительской совѣтъ, старается всѣми способами разбогатѣть, то есть, и воруетъ и грабить. Черезъ нѣсколько лѣтъ возвращается онъ въ Англію съ кучею золота; покупаетъ себѣ земли и замки, живѣтъ пышно, и ходатайствуетъ въ Парламентѣ за тѣхъ, которые, подобно ему, наживаются безчестными средствами.* No original, o exemplo apresenta grafia antiga, como é possível perceber na nota. Nesse sentido, buscou-se fazer equivalências para algumas letras não mais existentes em russo, assim como para o uso do sinal duro (ѣ equivalente a "e", i equivalente a "i" e ъ equivalente a "ø").

²⁰ *Ввечеру Губский мой играл под окном на гуслях и привлек тем кучу мужиков под окошко.*

exemplos abaixo dos séculos XIX, XX e XXI buscam ilustrar a ampliação no campo semântico de elementos que se combinam na construção.

(10) *Razumieetsia, ia nagovoril emu kutchu viejlivostei i tak jivo iz iavil svoiu radost videt ego...*²¹ [1806-1809] (Evidentemente, eu disse-lhe um monte de palavras corteses e assim com vivacidade manifestei minha alegria em vê-lo...)

(11) *o tchiom mojet dumat tchieloviek v deviatnadsat liet, s goriatchiei krov iu, s nastoitchivoi voleiu, s kutchiei prit-chudlivikh idiei v golovie?*²² [1845] (Sobre o que pode pensar um homem de dezenove anos, com sangue quente, com vontade persistente com um monte de ideias extravagantes na cabeça?)

(12) *Ia nie imieiu sekundotchki -- napisat Tebie dlinnoe pis mo -- u menia kutcha raboty.*²³ [1912-1917] (Eu não tenho um segundinho para escrever a você uma longa carta – tenho um monte de trabalho.)

(13) *Riadam babuchka-invalid i mama, prorobotavchaia vsiu svoiu jizn utchiteliem natchal nyh klassov i nakopivchaia tol ko kutchu bolieznei.*²⁴ [1991] (Ao lado há a avó deficiente e a mãe, que trabalho toda sua vida como professora das séries iniciais e acumulou somente um monte de doenças.

(14) *My uje nie znali, tchto dumat, osobenno kogda iz zdaniia vybejala kutcha politseiskikh.*²⁵ [2002] (Nós já não sabíamos o que pensar, principalmente quando um monte de policiais saiu correndo do prédio.)

21 *Разумеется, я наговорил ему кучу вежливостей и так живо изъявил свою радость видеть его....*

22 *о чем может думать человек в девятнадцать лет, с горячей кровью, с настойчивой волею, с кучей причудливых идей в голове?*

23 *Я не имею секундочки -- написать Тебе длинное письмо -- у меня куча работы.*

24 *Рядом бабушка-инвалид и мама, проработавшая всю свою жизнь учителем начальных классов и накопившая только кучу болезней*

25 *Мы уже не знали, что думать, особенно когда из здания выбежала куча полицейских.*

(15) *Ètot moment byl dlia menia kak kholodni duch: ia kak-to vnezapno ponial, tchto vokrug na samom diele kutcha problem.*²⁶ [2018] (Esse momento foi como um banho de água fria para mim: de algum jeito eu de repente entendi que à minha volta na verdade havia um monte de problemas.)

Os exemplos apresentados de (10) a (15) dão indícios de que a construção incorporou um amplo conjunto de conceitos. É possível perceber, com *kutchu vejlivostei*, a quantificação de coisas que podem ser ditas; com *c kutchej pritchudlivikh idej*, a quantificação de elementos no campo mental; com *kutcha raboty*, a indicação de quantidade de atividade a ser desenvolvida; com *kutchu boleznei*, a quantificação de elementos que impactam a constituição física dos seres vivos; com *kutcha politseiskikh*, a ampliação da esfera de entidades animadas que podem ser quantificadas por *kutcha* e, por fim, com *kutcha problem*, a quantificação de elementos abstratos de um modo genérico. De fato, tal como exposto por Rakhilina, observa-se um amplo conjunto combinações de *kutcha* para a expressão da semântica de quantificação, incluindo-se a esfera discursiva, mental-psicológica, física, ramos de atividades etc., de modo que [*kutchax* SN2(núcleo)gen] se configura hoje como uma estratégia com grande alcance de expressão de grande quantidade.

5.2. [*morex* SN2(núcleo)gen]

Como no caso de [*kutchax* SN2(núcleo)gen], procedeu-se à observação da etimologia do lexema que ocupa a posição de SN1 na construção, no caso *more*, na construção [*morex* SN2(-núcleo)gen]. Segundo Vasmer (1986, T. III), *more*, em russo, correlaciona-se aos seus equivalentes nas demais línguas eslavas (*more* também em ucraniano e bielorusso, *more*, em eslavo antigo, *морé*, em búlgaro, *mòrje* em sérvio, *morjê*, em esloveno, *moře*, em tcheco, *more*, em eslovaco, *morze*, em polonês) e também ao lituano *mãrios*, com acepção de “mar”, pondendo, em alguns momentos referir-se a lago *more Tchudskoe* “Lago Tchudski” (*Житие Александра Невского* apud VASMER, 1986, T. II, p.654).

²⁶ *Этот момент был для меня как холодный душ: я как-то внезапно понял, что вокруг на самом деле куча проблем.*

A metaforização do mar como um espaço onde se encontra grande quantidade de alguma coisa não é necessariamente nova. É possível observá-la, por exemplo, em uma instância da construção relacional do exemplo (16), abaixo, ainda na segunda metade do século XVIII:

(16) ...no krasota sierdtsa iest strana i grad spokoistviia; skviernaia je ducha iest more mutchieni.²⁷ [1766] (...mas a beleza do coração é um espaço e uma cidade de tranquilidade; já a alma ruim é um mar de sofrimentos.)

O contexto de uso da expressão *more mutchieni* (mar de sofrimentos) não traz nenhum indicativo formal ou funcional de que se tem aqui de fato uma construção quantificadora consolidada. O que se tem é uma imagem criada a partir da metaforização do conceito de mar, constituído de sofrimentos, como um espaço que é fluido, incerto, em parte desconhecido, sem a segurança de um espaço concreto, criado pelo homem, como uma cidade, à qual se associa o conceito de tranquilidade, em oposição a sofrimento, no exemplo apresentado. Consequentemente, como uma das propriedades que caracterizam mar é a sua dimensão extensa, entende-se que a dimensão dos sofrimentos também assim o é, o que pode contribuir para a interpretação de grande quantidade.

Diferente situação se observa nos contextos abaixo, em (17) e (18). Nos dois casos, a semântica de grande quantidade não é somente uma inferência proporcionada por uma imagem, além do fato de que o núcleo formal da expressão de fato é o SN2 e não o SN1.

(17) *Vozvraschaias , videl mnojestvo narodu, kataiushegosia osobenno na sankakh tchukhontsev; pogoda, kstati, -- prevoshodnaia; a u balaganov, na Tsaritsinom, izdali vidnieetsia more narodu*²⁸ [1880] (Ao voltar, vi uma multidão de gente andando principalmente nos trenós de finlandeses; o clima, aliás estava excelente e nas barracas em Tsarytsin, se via um mar de gente.)

27 ...но красота сердца есть страна и град спокойствия; скверная же душа есть море мучений

28 Возвращаясь, видел множество народу, катающегося особенно на санках чухонцев: погода, кстати, - превосходная; а у балаганов, на Царицыном, издали виднеется море народу.

(18) *Khotel bi skazat , tchto zdes je, v nepreryvnosti neafektirovannykh melodij, ja viju i buduschego Vagnera, no, navierno, tut u menia peresol. V obschem, ja polutchil more udovol stvija.*²⁹ [2005] (Queria dizer que aqui mesmo, na continuidade das melodias não afetadas, vejo também o futuro Wagner, mas provavelmente estou me excedendo aqui. No geral eu, obtive um mar de satisfação.)

Em (17), a noção de grande quantidade se encontra dada por pistas contextuais que vão além da expressão *more narodu*. Além disso, o que se vê de fato nas barracas não é um mar, mas pessoas que estão em grande quantidade. Em (18) o que se recebe é a satisfação e não o mar que, no contexto, atua nitidamente como um modificador de satisfação, quantificando esse elemento.

Além da menor frequência da construção [*morex* SN2(-núcleo)gen] em relação à construção [*kutchax* SN2(núcleo)gen] observada na amostra, a variabilidade das combinações com *more* é, nitidamente, inferior à variabilidade de combinações com *kutchax*. Enquanto este último parece exibir um leque mais amplo de possibilidades, *more* parece, em alguma medida, dar preferência a quantificação de líquidos, como em (19) e (20), ou de elementos que, ao serem conceptualizados como estando em grande quantidade, tendem a se espalhar no espaço, como em (21) e (22), o que contribui para corroborar o emprego da metáfora MAIS É PARA OS LADOS, proposta por Rakhilina (2009). Além disso, foi possível observar uma combinação maior de substantivos que designam sentimentos, sensações e demais substantivos abstratos com a construção [*morex* SN2(núcleo)gen], como se observa em (23) e (24). Uma hipótese subjacente a essa observação seria a conceptualização de sentimentos e sensações como elementos fluidos, sem fronteiras bem delimitadas e que, da mesma forma como a maioria dos elementos líquidos (com exceção de lágrima), consistem em entidades massivas, ou seja, incontáveis.

²⁹ Хотел бы сказать, что здесь же, в непрерывности неафektированных мелодий, я вижу и будущего Вагнера, но, наверное, тут у меня пересол. В общем, я получил море удовольствия.

(19) *S nejnjeicheiu duchoi geroiski umirala, Supruga i družiej povergla v more slioz*³⁰ [1792] (Com a alma mais suave morreu de forma heróica, submeteu o esposo e os amigos a um mar de lágrimas.)

(20) *Dvesti liet Rossiia soprikasalas s Tchietchnei, i bylo prolito more krovi.*³¹ [2003] (Por duzentos anos a Rússia tem atritos com a Tchetchênia e foi derramado um mar de sangue.)

(21) *Ona govorila s gromadnym vooduchevlieniem. Predo mnoi bylo more golov, stchastlivie litsa, osveschionnie jarkimi projektorami.*³² [1938] (Ela falava com uma animação enorme. Na minha frente havia um mar de cabeças, faces felizes, iluminadas por projetores brilhosos.)

(22) *Dalee polukrug beregovej Palermo, dalee – more apel sinovyh rosch i mnojestvo jioltykh totchek – apel sinov.*³³ [1910] (Mais a frente o semicírculo da costa de Palermo, mais adiante um mar de laranjeiras e de pontos amarelos – as laranjas.)

(23) *Obschenie s etim malen kim chketom prinosit more stchast ja i polojitel nyh emocij.*³⁴ [2003] (A conversa com esse pequeno moleque traz um mar de felicidade e de emoções positivas.)

(24) *Po utram uje neskol ko dnej tchitaju prozu Pasternaka, vperemejku s drugimi knigami, delaju vypiski i polutchaju*

30, *Съ нѣжнѣйшею душой геройски умираю, Супруга и друзей повергла въ море слезъ.* Dado o uso de grafia antiga no original, seguiu-se o mesmo procedimento de transliteração do exemplo (8), acima.

31 *Двести лет Россия соприкасалась с Чечней, и было пролито море крови.*

32 *Она говорила с громадным воодушевлением. Предо мной было море голов, счастливые лица, освещенные яркими прожекторами.*

33 *Далее полукруг береговой Палермо, далее – море апельсиновых рощ и множество желтых точек – апельсинов.*

34 *Общение с этим маленьким шкетом приносит море счастья и положительных эмоций.*

more udovol stvija.³⁵ [2004] (De manhã, já há alguns dias, leio a prosa de Pasternak entremeada com outros livros, faço anotações e obtenho um mar de satisfação)

6. Discussão

A expressão de quantidade através de estruturas binominais é um recurso comumente utilizado nas línguas e, em russo especificamente, consiste em uma estratégia produtiva e variada. Nessa língua, Rakhilina (2009), como já dito acima, busca explicar o uso de expressões binominais quantificadoras, por meio da habilidade cognitiva de metáfora, apoiando-se na proposta de Lakoff e Johnson (1980), para quem o sistema conceptual dos seres humanos é essencialmente metafórico. Diante dessa contribuição de Rakhilina, uma questão permanece em aberto: por que *kutchá* parece exibir poucas restrições de combinação, nas palavras da autora, refutando apenas líquidos (RAKHILINA, 2009), ao passo que *more* exibe uma tendência de uso mais limitada?

Uma resposta inicial é a de que *kutchá* já traz em si uma noção de aglomeração, mesmo na construção relacional em que o núcleo é o SN1. Um monte pode ser um grupamento de coisas da mesma natureza ou de natureza diversificada aglomeradas de algum modo. O lexema *kutchá* passa a se combinar, ainda na construção relacional, com elementos concretos incontáveis como areia (*pesok*), gelo (*liod*) ou esterco (*navoz*), até incorporar elementos contáveis e abstratos de diversos tipos. Além disso, *kutchá* parece já exibir uma riqueza de combinações desde os séculos XVIII e XIX, assim como uma frequência de uso mais elevada do que *more*. Essa riqueza de usos observada já nesses séculos pode servir como indicador que o uso de *kutchá* com valor quantitativo seja mais antigo do que o uso de *more*.

³⁵ По утрам уже несколько дней читаю прозу Пастернака, вперемежку с другими книгами, делаю выписки и получаю море удовольствия.

Além disso, a semântica original hipotética proposta para *kutcha*, como um canto na inclinação de uma colina ou montanha, coberto de folhagem e galhos, parece ter se perdido com o tempo, o que faz com que os usuários da língua não façam uma associação do quantificador com a referência original do lexema, o que é diferente em relação a *more*, lexema ainda usado com grande frequência com valor referencial, indicando mar. Assim, o usuário da língua não necessariamente recupera a semântica original de *kutcha* quando recorre à quantificação, sem implicar, por exemplo, a noção de aglomeração ou verticalidade. Por outro lado, quando se recorre à expressão com *more*, os usos parecem evocar uma imagem na qual a semântica referencial de mar ainda parece contribuir para a imagem da construção, como em *zaterjat'sja v more informacii* (perder-se em um mar de informação). Isso faz com que possíveis elementos a se combinarem com *more* sejam elementos que estão direta ou indiretamente relacionados à noção de fluxo e movimento, como líquidos em geral, como os originais sangue (*krov'*) e lágrimas (*sljozy*), assim como elementos direta ou indiretamente ligados à noção de fluidez, como sensações e sentimentos, a saber prazer/satisfação (*udovol'stviye*), amor (*liubov*), ou ainda elementos que ocupam um espaço a partir da noção de amplitude horizontal, como pessoas (*ljudi*). Com isso, com base nos princípios de organização funcional da gramática em rede, apresentados na seção 2 deste artigo, pode-se dizer que as construções [*kutchax* SN2(núcleo)gen] e [*morex* SN2(núcleo)gen] compartilham aspectos formais associados à semântica de grande quantidade, o que permite postular que tais construções se encontram contíguas na rede, exibindo o mesmo grau de abstração. Por outro lado, como cada construção apresenta na posição de SN1 um elemento lexical fixo distinto para a expressão de grande quantidade, as construções apresentam nuances semânticas distintas (princípio da não sinonímia) de modo que [*morex* SN2(núcleo)gen] exibe um perfil semântico mais específico, combinando-se com um número de lexemas mais restritos do que [*kutchax* SN2(núcleo)gen]. Assim, assegurando tanto o poder expressivo maximizado como a

economia maximizada, tais construções parecem ocupar zonas conceptuais distintas da expressão de grande quantidade na língua russa.

7. Considerações finais

Este artigo buscou apresentar um breve panorama do desenvolvimento das construções [*kutchax* SN2(núcleo)gen] e [*morex* SN2(núcleo)gen] como construções binominais quantificadoras atreladas ao padrão mais abstrato [SN1x SN2(núcleo)gen]. Nesse padrão, o SN2 da expressão assume a função de núcleo, sendo quantificado por elementos que assumem a posição de SN1 e, dessa forma, os elementos nominais *kutchax* e *morex* atuam como quantificadores, descolando-se de seu valor referencial original, ou seja, já não designam montes ou mares, como quando ocorrem em outra construção, mas, sim, grande quantidade de alguma coisa.

Aqui, verificou-se que inicialmente *kutchax* estava atrelado à aglomeração de elementos da mesma natureza, capazes de formar um monte concreto e gradualmente vai ampliando suas possibilidades de uso, de modo que atualmente exibe grande capacidade de combinação com elementos de natureza diversificada. Por outro lado, *morex*, a despeito de já ser usado metaforicamente com líquidos desde, pelo, menos o século XVIII, manteve mais restrito seu arcabouço de combinações indicando maior preferência por elementos abstratos e metafóricos como elementos fluidos, que vinculam a noção de fluxo ou de espalhamento horizontal. Para validar os apontamentos apresentados neste trabalho, tem-se como objetivo futuro a realização de uma análise quantitativa, que considere aspectos estatísticos de distribuição dos dados no corpus analisado.

Referências bibliográficas

ALONSO, K. S. B. *Construções binominais quantitativas e construção de modificação de grau: uma abordagem baseada no uso*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – PPG em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, Ewa; DIVJAK, Dagmar (eds.). *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015, pp. 295-321.

DIESSEL, H. *The grammar network: how language structure is shaped by language use*. Cambridge: University Press, 2019.

FUMAUX, N. C. A. *Construcionalização de ‘um monte de SN’: uma abordagem centrada no uso*. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – PPG em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University Press, 1980.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (eds.). *Variation, selection, development: probing the evolutionary model of language change*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.

VERVECKKEN, K. D. *Binominal quantifiers in Spanish: conceptually-driven analogy in diachrony and synchrony*. Berlin: Mouton De Gruyter, 2015.

ПУШКИН, А. Пиковая дама. *Источник текста: Собрание*

сочинений А.С. Пушкина в десяти томах. Москва: ГИХЛ, 1960, том 5. Disponível em: http://az.lib.ru/p/pushkin_a_s/text_0426.shtml. Último acesso: 01 de setembro de 2022.

РАХИЛИНА, Е. Лингвистика конструкций. Москва: Абуковник, 2009.

ФАСМЕР, М. Этимологический словарь русского языка. Т. II. Москва: Прогресс, 1986.